

CORREIO POLÍTICO

Lula Marques/Agência Brasil.



Oposição comemora a derrota de Messias no Senado

O intrincado jogo pelo próximo Senado

Há informações de que as pesquisas internas do governo – os chamados trackings, que são monitoramentos contínuos – apontariam para alguma recuperação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva após as derrotas acachapantes da semana passada. As próximas pesquisas públicas terão que confirmar isso. Por enquanto, o quadro que elas apresentam segue bem preocupante. Saindo da disputa presidencial e indo para a corrida nos estados, o Correio Político mostrou na edição de segunda-feira como a briga embolou. Mas com uma potencial vantagem da oposição, especialmente do PL, partido do senador Flávio Bolsonaro. Neste Correio Político, vamos analisar mais detidamente o quadro para o Senado.

Para aprovar impeachment do STF, 54

Tomando-se as pesquisas mais recentes nos 26 estados e no Distrito Federal, verifica-se que aqueles que se declaram oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva poderiam ser até 51 senadores, somando-se os atuais com os que serão eleitos em outubro. Não é número suficiente para o tal projeto da oposição de aprovar o impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Mas pode chegar bem perto.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Gleisi: uma das possíveis surpresas governistas

Governo poderia somar até 33

Os processos de impeachment exigem a aprovação de dois terços dos senadores, que seriam 54. Ou seja, a oposição precisaria de mais três senadores. E pode consegui-los entre os independentes. Levando-se em conta quem vai ter mais quatro anos, a oposição sairá já com 18 senadores. E o governo com dez. Levando-se em conta o que dizem as pesquisas, os governistas poderão somar, entre os que ficarão e os novos, até 33 nomes no Senado. Ficaria, então, a posição dos que se declaram independentes, nem governistas nem oposição. Eles seriam 11.

Governistas surpreendem

É preciso esclarecer que esse mapa feito pelo Correio Político não soma 81 senadores. Por uma única razão. Há diversas situações de empate dentro da margem de erro em diversos levantamentos, alguns com até seis nomes. Então, aqui levou-se em conta o potencial máximo de cada segmento. O que causa algum alívio para o governo é que alguns aliados de Lula estão surpreendendo.

POR RUDOLFO LAGO

Sul

Casos do Rio Grande do Sul e Paraná, que seriam em princípio hostis. A ex-deputada Manuela D'Ávila (Psol) lidera as intenções de voto no Rio Grande do Sul. E a ex-ministra da Secretaria de Relações Institucionais Gleisi Hoffmann tem chances no Paraná. São Paulo pode ser outro alento para o governo.

São Paulo

Em São Paulo, os governistas vão bem em um estado que deve ter a reeleição de um opositorista, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Lideram ali a ex-ministra do Planejamento Simone Tebet (PSB), o ex-ministro do Empreendedorismo Marcio França (PSB) e a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva (Rede).

Nordeste

O Nordeste, porém, pode não vir a dar desta vez o salvo-conduto a Lula de eleições passadas. Opositoristas aparecem em vários estados. Como Alessandro Vieira (MDB), em Sergipe. Ou Capitão Wagner (União Brasil) no Ceará. Ou ainda o presidente do PP, Ciro Nogueira (PP), no Piauí.

Norte

Embora costume ter um eleitorado mais opositorista, o Norte pode dar algum alento ao governo elegendo alguns nomes. Caso do ex-governador do Pará Helder Barbalho (MDB), do presidente da Apex, Jorge Viana (PT), no Acre, e das possíveis reeleições de Eduardo Braga (MDB) no Amazonas e de Randolfe Rodrigues (PT) no Amapá.

Centro-Oeste

A onda opositorista, no entanto, pode vir forte no Centro-Oeste. Com nomes como Reinaldo Azambuja e Capitão Contar, ambos do PL, no Mato Grosso do Sul. Ou Gracinha Caiado (União Brasil), esposa do ex-governador e candidato à Presidência pelo PSD, Ronaldo Caiado, em Goiás. E Michelle Bolsonaro no DF.

Distrito Federal

Há uma chance, no entanto, de bancada dividida no Distrito Federal. Quem hoje aparece em segundo no DF é a deputada federal Erika Kokay (PT), que cresceu com a derrocada do ex-governador Ibaneis Rocha (MDB), atropelado pela crise do Banco Master/BRB. O jogo não promete ser fácil daqui até as eleições.



Trump e Lula devem se encontrar quinta-feira

Lula vai aos EUA se encontrar com Trump

Reunião aconteceria em março, mas foi adiada por conflito

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deverá viajar nos próximos dias para os Estados Unidos, onde deve se encontrar com o chefe do governo do país, Donald Trump. A expectativa é de que a reunião aconteça na quinta-feira (7).

Havia a expectativa de Lula e Trump se encontrarem em março, mas a ideia não foi adiante na época, por consequência do agravamento da situação no Oriente Médio pela guerra entre EUA, Isarel e o Irã.

O presidente deve viajar junto com o ministro da Fazenda, Dario Durigan, que esteve nos EUA durante as reuniões da primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e anunciou no início de abril uma parceria estratégica entre os dois países para o combate ao crime organizado transnacional.

Integrantes do governo e diplomatas ainda adotam cautela e evitam dar como certa a visita porque a informação não foi oficialmente divulgada pelas autoridades americanas. Do lado brasileiro, há o receio de confirmar a informação antecipadamente e o governo americano cancelar o compromisso.

Lula e Trump estão de lados opostos do espectro político mundial. O brasileiro costuma fazer diversas críticas ao chefe do governo americano. É uma forma de tentar desgastar o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-can-

didato a presidente, adversário do petista e apoiador de Trump.

Um dos momentos de maior popularidade do petista foi no ano passado, quando Lula conseguiu encaixar um discurso de soberania nacional depois de os Estados Unidos imporem um tarifaço contra produtos brasileiros.

Trump, à época, relacionou as tarifas ao processo contra Jair Bolsonaro (PL) – meses depois, o ex-presidente seria condenado a 27 anos e três meses de prisão por causa da trama golpista.

O governo brasileiro fez movimentos diplomáticos para reverter o tarifaço, e conseguiu derrubar as taxas de diversos produtos. Em setembro daquele ano, Lula e Trump tiveram um primeiro encontro: conversaram rapidamente em Nova York, durante a assembleia geral da ONU. Depois, eles se falaram por telefone.

Em janeiro, Lula afirmou que iria em março aos Estados Unidos encontrar o presidente americano. O entorno do petista teme que Trump tente algum tipo de intervenção na eleição brasileira. No mês passado, o vice-presidente dos Estados Unidos, J.D. Vance, foi até a Hungria fazer campanha para o então primeiro-ministro, Viktor Orbán. Ele, porém, acabou derrotado por Péter Magyar.

Caio Spechoto e Isabella Menon (Folhapress)